

Patrimônio, Museu e Ação Educativa

Eline Andréa Dornelas (UEL)¹

Nas últimas décadas as questões relacionadas à área educativa em museus têm demonstrado uma preocupação em direcionar de forma pedagógica as visitas tornando-as interessantes, estimulando momentos de novas aprendizagens onde os profissionais especializados desenvolvem atividades que possibilite a construção destas novas relações com o público tornando esse espaço significativo ao visitante.

Reconhecer o museu como um espaço de construção social da memória nos remete testemunhar seus registros realizados por pessoas ou grupos que elegem histórias que vão perpetuar diante da vivência histórica, estabelecendo com o público a busca pela construção, ressignificação e apropriação das identidades despertando o interesse de educandos e visitantes para esse espaço museológico, desenvolvendo um olhar curioso e investigativo.

O museu é uma instituição de memória das sociedades, das nações, dos grupos, das comunidades e, portanto, detentora de coleções, de indícios patrimoniais e identitários. E de acordo com Meneses (2009) essa memória construída socialmente que edifica as identidades, que gera interpretações e leituras críticas, instigando a curiosidade e procurando conhecer as diferenças culturais.

A concepção de museu tem passado por transformação ao longo do tempo, e a relação entre escola e museus também tem se modificado em diferentes épocas, pois ao mesmo tempo em que as sociedades vão se tornando mais complexas do ponto de vista da organização das suas atividades sociais, os grupos também se tornam diversificados. Trata-se de uma aprendizagem de uso do museu para além do conhecimento da história dos objetos que ele guarda, convidando ao exercício de reflexão sobre a história do museu e do seu papel social. (Pereira e Carvalho, 2012)

Dessa forma, torna-se interessante identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade foi construída, pensada,

estabelecendo um sentido, uma vez que as representações podem ser pensadas como esquemas intelectuais. Essas representações não são discursos neutros, produzem estratégias e práticas, sendo assim, o outro tornar-se inteligível e o espaço passa a ser decifrado (CHARTIER, p.17, 2002).

A memória registra a história, as lembranças que são únicas e individuais e quando acionadas nos permitem conhecer a realidade de um mundo no qual não fizemos parte e que foi se transformando em pedacinhos de antigas ruas, costumes, mobílias, objetos do cotidiano repletos de significados. Nesse sentido, acreditamos que a ação educativa em museus, deve utilizar os mais variados materiais pedagógicos como textos, atividades, visitas monitoradas, palestras, jogos, entre outros, com intuito de potencializar a construção de conhecimentos evitando explicações simplistas.

Nesse contexto, refletir sobre como a história das cidades é contada e recontada pelos lugares, praças, ruas, imóveis e acontecimentos que ali tiveram demonstra que não é somente o edifício e sua geometria que são significativos. A característica cultural que delimita o espaço de sociabilidade, de compartilhamento de cultura e de práticas simbólicas também determina aspectos importantes, pois a cidade se mostra como um imenso campo de atividade humana e essas construções nada mais são que a vida acontecendo, sendo assim, esses espaços vão sendo criados, adaptados a necessidades reais, são *locus continiuns* de cultura que se apresenta de forma dinâmica. (Meneses, 2009, p.39).

Esses lugares de memória são instituídos em museus, arquivos, coleções, monumentos (NORA, 1993), presentes principalmente nas cidades que se mostram como um imenso campo de atividades, na medida em que vão tecendo sua teia, afloram idéias e informações com os saberes e fazeres dos sujeitos que nela residem, é a garantia de permanência das áreas, contribuindo para a compreensão do conjunto de elementos que caracterizam as tradições, instituições sociais, enfim, tudo que ali ocorre e ocorrerá.

Aprender a olhar a cidade a partir desses espaços é admitir que somos parte dele, quando deixamos de preservar as casas antigas, igrejas, até mesmo os calçamentos não estamos mais vendo aquele espaço como

pertencente à história tornando mais difícil estabelecer as relações desse passado com o presente.

O que se pretende, é pensar a cidade e seus lugares numa perspectiva de preservação e manutenção do Patrimônio não de maneira estática, mas com uma dinâmica cultural e histórica na qual os indivíduos estão inseridos como agentes de transformação e mudança, propiciando aos cidadãos conhecerem a função social de cada espaço e instituições existentes na sua cidade.

Qualquer parte do ambiente urbano simboliza a relação entre o lugar e seus habitantes, a história local é um indicador de construções de identidade, ou seja, a compreensão do conhecimento histórico a partir de princípios que tenham a ver com o interesse da vida cotidiana das pessoas daquele local.

Os museus têm um papel importantíssimo neste contexto, aproximar a comunidade não só da instituição, mas proporcionar possibilidades de informação e conhecimento por meio de suas exposições, ou seja, fazer com que aquele objeto da exposição não seja um “objeto solitário”, mas deixar transparecer o sentimento, os vínculos que existe entre os objetos e as pessoas que os vê, e reconhecer que aquele espaço além de preservar, conservar, expor e pesquisar está a serviço da sociedade, buscando por meio de ações educativas tornarem-se elementos vivos dentro da dinâmica cultural das cidades.

Para Dutra (2007) os objetos da cultura material são tanto portadores de informações como instrumentos mediadores no processo de ensino aprendizagem, são testemunhos da história e, portanto, dotados de memória e significados históricos.

Nos museus por mais específicos que sejam podemos encontrar uma gama de possibilidades de aprendizagens, ao relacionarmos o conhecimento com as referências teóricas e as fontes que consideramos significativas para o ato de conhecer, estamos hierarquizando um conjunto de idéias, valores, conceitos sobre o mundo das coisas e as coisas do mundo. O importante é não perder de vista o fato de que o objeto cultural assemelha-se a um caleidoscópio em constante mudança. O objeto cultural flui permanentemente e como tal está

em metamorfose. Ele não é imposto é proposto, não é o fim, é o meio, não é o texto acabado é um pretexto. (CHAGAS, p.86, 1996).

Dessa forma, pensar o museu como um espaço que desempenha uma função social e educativa, de veiculação, produção e divulgação de conhecimento é estabelecer o contato com o objeto e a realidade cultural, indicando outras referências e olhares para os lugares onde vivemos. A intenção é compreender o museu como ponto de partida para questionamentos, comparações entre o passado e o presente, entre as diferentes culturas.

A partir dessas reflexões acreditamos que podemos estabelecer com a escola um diálogo diferenciado, sabemos que a escola muitas vezes procura os museus apenas para materializar os conteúdos de suas disciplinas, transformando o museu em um espaço de contemplação e as visitas monitoradas acabam gerando situações aprendizagens passivas e pouco produtivas.

Os professores acabam não utilizando as informações dos acervos por terem pouca vivência com esse tipo de conhecimento, visto que na sua formação acadêmica não foi oferecido a ele a oportunidade de utilizar o museu na educação.

Para que essa prática seja utilizada, o professor ao propor um estudo de um determinado objeto aos seus educandos poderá utilizar uma metodologia pautada em análise e pesquisa para elencar as informações sobre o objeto, instigá-lo a compreender quem fez qual a utilidade, que características estão sendo apresentada, qual a cor do objeto, as formas. Um objeto apresenta múltiplos aspectos e significados, por isso é importante que o professor incentive a curiosidade e a observação dos educandos.

O que se pretende com essa prática educativa é estimular o processo de descoberta, deixando o educando investigar, descobrir sem sobrecarregá-lo com uma gama de informações teóricas, essa visita deve ser dinâmica, participativa e divertida.

Compreender e refletir sobre os desafios relacionados à escola e o museu nos faz entender que nem sempre será possível atender as demandas

específicas oriundas da escola, necessitando, portanto, estabelecer para cada lugar suas devidas funções, o museu não assumirá o papel da escola, mas, assumirá o seu lugar, que é de estímulo à sensibilidade para a compreensão e valorização dos registros culturais pelos educandos de maneira dialogada com a escola.

De acordo com BITTENCOURT, 2009:

Os museus são uma espécie de pequenas-imensas janelas onde as pessoas no presente observam o universo, na forma de lugares, tempos e diferentes culturas. Ele aproxima as pessoas, mesmo que não vivam nos mesmos lugares não falem a mesma língua e sequer estejam no mesmo tempo (BITTENCOURT, 2009)

É o espaço que estabelece vínculos com o afetivo que possibilita a apropriação de conhecimento e aprendizado, sendo assim, o museu deixa de ser um espaço de contemplação para se tornar espaço de reflexão e apropriação do conhecimento e da produção do conhecimento articulando múltiplas temporalidades em diferentes cenários.

As práticas educacionais em museus podem ser entendidas como formas de mediação e ao mesmo tempo essenciais para a efetivação de novos conceitos e métodos didáticos e pedagógicos. Os museus são ambientes culturais que educam por meio da sensibilização, cultiva a comunicação, produção de significados a partir de seus objetos, exposições e propostas educativas.

O museu é ao mesmo tempo fato concreto e abstrato. Concreto, por sua estrutura porque se trata de uma instituição criada a partir de normativas legais, abstrato porque é construído e consolidado em torno de uma idéia, [...] é possível “representar e re-presentar” o mundo, os homens, as coisas, as relações e essas representações [...] entendidas como fragmentos, pedaços que indica alguma coisa que não está lá o tempo todo (uma ausência de presente) essa ausência induz quem olha a tornar a ausência presente, por

meio da imaginação. (BITTENCOURT, p.21, 2009). Nesse sentido, a idéia de museu é a de instituição em constante transformação, por meio da qual é possível criar narrativas visuais onde o indivíduo é convidado a enxergar o tempo e interpretar a presença do pretérito em suas múltiplas dimensões temporais.

São espaços que abrigam objetos que se tornam para os visitantes representações nas quais ele se identifica com os itens expostos e com situações vividas a partir das coleções, que representam um conjunto de documento permitindo mostrar diversos aspectos da trajetória humana relacionados com situações vividas.

O “papel” dos objetos e artefatos no processo educativo apresenta uma gama de possibilidades e descobertas, sendo importante preservar o objeto e a informação que ele contém que serão a base para a transformação em fonte de pesquisa e comunicação, dessa forma, o museu deixa de ser “depósito de coisa velha”, para vivenciar a história tornando-se um meio para contar e recontar a história.

Acreditamos que a ação educativa em museus, pode utilizar várias formas de mediação entre o que está exposto e o público, oportunizar os mais variados materiais pedagógicos como textos, atividades, visitas monitoradas, palestras, jogos, recurso multimídias e outros, com intuito de potencializar a construção de conhecimentos evitando explicações simplistas.

E como o museu apresenta seus objetos ao público? Podemos conhecê-los por meio de exposições chamadas temporal e permanentes. A exposição permanente não quer dizer que são eternas, geralmente são salas do museu que abrigam peças de sua coleção, se a duração da exposição é de tempo longo porque a instituição considera que é importante que o público conheça. Já as exposições temporais são de curta duração muitas vezes são apresentadas peças que não pertence ao museu.

(...) a exposição é, ao mesmo tempo, produto de um trabalho interativo, rico, cheio de vitalidade, de afetividade, de criatividade e de reflexão estabelecida no processo que antecedeu a exposição e

durante a montagem, além de ser ponto de partida para outra ação de comunicação”. (SANTOS, 2001)

Em uma exposição além dos objetos temos textos com informações, encartes, livros, folhetos, catálogos, e as monitorias que auxiliam o visitante conhecer a exposição.

Para Hobsbawm (1998) o passado, presente e o futuro constituem um *continuum*, todos os seres humanos estão enraizados no passado, suas famílias comunidades a nação e define sua posição em relação a ele, a maior parte da ação humana é baseada em aprendizado, memória e experiência constituindo um mecanismo para comparar passado, presente e futuro. As pessoas não podem evitar a tentativa de prever o futuro mediante alguma forma de leitura do passado. Elas precisam fazer isto. E elas fazem com base na suposição justificada de que, em geral, o futuro está sistematicamente vinculado ao passado.

O autor refere-se ao passado como uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade que não se pode perder de vista, pois esse passado é uma seleção daquilo que a sociedade quer que seja lembrado.

Encontramos, portanto, nesse ambiente um acervo de registros selecionados na vivência histórica e o educador é que aperfeiçoa o olhar para a materialidade existente nesse espaço, informando, problematizando em torno do objeto que podem ser ressignificados.

A utilização de estratégias por meio da observação e análise de um objeto do passado pode ser aprofundada a partir da reflexão sobre suas permanências e transformações em relação à função, composição, valor, técnica de produção e forma, por exemplo, dialogando com os visitantes sobre a perda do valor de uso dos objetos.

A comparação entre os objetos do presente e do passado poderá ser uma das possibilidades para trabalhar a noção de historicidade e compreender diferentes relações entre os objetos e a sociedade. Esse contato, a reflexão e a ação no seu *lócus* de atuação, além de refletir sobre o papel dos museus no

ensino de História proporcionará a compreensão das variadas mensagens comunicadas pelos objetos expostos construindo novas significações.

Essa interação entre o saber produzido na universidade e o saber produzido na escola provoca “novas práticas educativas”, o objeto torna-se para os visitantes suportes de representações subjetivas. Esse jogo de sentidos que se dá intensamente nas exposições faz o visitante situar os itens expostos em sua própria vida e considerá-los como referenciais.

Nesse sentido, os artefatos representam um conjunto de documentos que precisam ser estudados, pois permitem mostrar diversos aspectos da trajetória do homem inclusive as diversas formas de apropriação do mundo físico. Temos, portanto, a mudança de funcionalidade dos artefatos que adquire diferentes contextos e significados, entenderem esse artefato pelo artefato é um quebra-cabeça faltando peças.

Segundo Bruno (1995), os objetos devem estar relacionados entre si, porém, o que geralmente presenciamos são coleções principalmente as arqueológicas inseridas no contexto museológico desarticuladas com as outras coleções, o que revela certo distanciamento desses objetos enquanto parte constitutiva das memórias locais, regionais ou nacionais. Ressalta que:

Os olhares são para as coleções de períodos vinculados a partir da “colonização” reforçando a influência das elites européias, a idéia de reforçar traços culturais indígenas reforça o discurso de um obstáculo de progresso. Esse patrimônio pautado na cultura material indígena é silenciado pela sociedade como elemento que faz parte da sua identidade. (BRUNO, p.11 1995)

Os museus são ambientes de atuação profissional e convivem inevitavelmente com desafios, limites e paradoxos, portanto, torna-se necessário romper com padrões idealizados, deve contemplar a formação profissional de maneira crítica e reflexiva rompendo com os limites conceituais e práticos, pelos os quais passam o cotidiano dos fazeres e das idéias. O exercício do fazer educativo em museus deve ser visto como oportunidade de

trocas e contatos que proporcionam situações novas e significativas, enriquecedoras e reinventivas. (PEREIRA, 2008).

É necessário repensar ações voltadas somente para a prática evitando realizá-las de forma mecânica sem reflexão, pois tanto a teoria quanto a prática são necessárias. Um ponto fundamental é entender que esses saberes vão construindo uma rede interpretativa de conhecimentos para produzir aprendizagem, compreenderem que a história é uma produção da realidade vivenciada pelos indivíduos numa sociedade por meio de experiências e da ação humana, por símbolos a ser decifrados, pois somos produtos e produtores de história.

A visita educativa é uma prática de pensar historicamente, compreendendo não só o passado como dinâmico, em sua interface com outras temporalidades (presente e futuro), mas presente como cenário conflitante, inquietante. O visitante é incitado a inquietar-se, estranhar, investigar, propor, decompor, debater, há neste museu, o convite à desconfiância das narrativas unívocas e das versões consagradas tidas como únicas formas de pensar a história. (PEREIRA, 2009:5)

Dessa forma, temos vários desafios para superar que fragilizam os museus brasileiros e impedem que desempenhem sua função social; desde problemas técnicos até questões de ordem econômica onde a escassez de recursos faz com que alguns setores dos museus tenham ações descontínuas.

É de extrema importância a articulação entre museu e escola, sendo assim, o diálogo deverá estimular a percepção e análise sobre os objetos, que ancorados em procedimentos de produção do conhecimento histórico possibilitarão a construção do conhecimento aos educando, tornando possível imaginar, reconstruir o não vivido por meio de variadas fontes. Para isso será necessário instrumentalizar tanto a escola como os profissionais que atuam nos museus para a realização dessa ação por meio de palestras, oficinas e textos, ressignificando seus saberes e concepções sobre a ação educativa em museus.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS; Camilo e Mello. Por que visitar museus. In. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.) *O saber Histórico na sala de aula*. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2006. P.104-116

BITTENCOURT, José Neves. As coisas dentro da coisa: observações sobre museus, artefatos e coleções. In: *Cidadania, memória e patrimônio: as dimensões do museu no cenário atual*. Organizadores: Flávia Lemos Mota de Azevedo; Leandro Pena Catão; João Ricardo Ferreira Pires. 2009.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. (Tese de Doutorado).

CANCLINI, Nestor Garcia. *Imaginários urbanos*. Buenos Aires: Ed. Universitária de Buenos Aires, 1997.

CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. Cidade: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 23.

CHAGAS, Mário. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, 13)

_____. *Museália*. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2ª Ed. Portugal: DIFEL, 2002.

DUTRA, Soraia Freitas. Cultura material e conhecimento histórico em crianças. In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional da ANPUH. São Leopoldo 2007*.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

NORA, Pierre. *Entre memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, 1993.

PEREIRA, Junia Sales; SIMAN, L. M. C.; COSTA, C. M.; NASCIMENTO, S. S. *Escola e Museu - diálogos e práticas*. 2. ed. Belo Horizonte: Superintendência de museus /Cefor PUC Minas, 2006. v. 1. 128 p.

PEREIRA, Junia Sales. Aprendizagem do ensino de historia em museus. In: *X Jornadas Nacionales U I Internacional de Ensenanza de la historia, 2008, Rio Cuarto. Anais da X Jornadas Nacionales y I Internacional de Ensenanza de la historia. Rio Cuarto Argentina: Universidade Nacional de Rio Cuarto, 2008. v. 1.*

PEREIRA, Júnia Sales. CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. *Sentidos dos tempos na relação museu/escola*. Cad. CEDES, Dez 2010, vol.30, nº.82, p.383-396. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622010000300008&lng=en&nrm=iso

SANTOS, Maria Célia T. Moura. *Museu e Educação: conceitos e métodos. Palestra proferida na abertura do Simpósio Internacional "Museu e Educação: conceitos e métodos"*, realizado no período de 20 a 25 de agosto de 2001.

ⁱ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina.
Pós-Graduada: Arqueologia, Etnologia e Etnohistória do Paraná- UEM.
Graduada em História-UEL.